

OPINIÃO DE JOVENS DO SEXO MASCULINO SOBRE CONTRACEPÇÃO, GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA E ABORTO INDUZIDO¹

Maria Beatriz de Assis Veiga*
Adriana Lemos Pereira**

RESUMO

Adolescência e juventude são fases de mudanças intensas, nas quais as experimentações e novidades são fatores marcantes. Neste mundo de descobertas e adaptações, o adolescente sente sua libido aumentar e sua sexualidade aflorar, e como resultado podem ocorrer gestações e contágio por doenças sexualmente transmissíveis (DST). Embora o exercício da sexualidade seja marcante para ambos os sexos, suas consequências, principalmente a gravidez, causam maior impacto no universo feminino. O objetivo deste artigo foi identificar e compreender a opinião e vivência de jovens do sexo masculino quanto à contracepção, gravidez não planejada e aborto induzido. Estudo descritivo-qualitativo, realizado em uma escola pública de ensino médio localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 jovens de idades entre 18 e 23 anos, que foram analisadas pela técnica da análise de conteúdo. Os métodos mais citados foram a camisinha masculina e a pílula, sendo o mais utilizado o condom. A conversa entre o casal é dita como a melhor forma de escolher o método e o aborto induzido é reprovado por todos os entrevistados. Os jovens estão mais inseridos na contracepção do que em outrora, porém estratégias educativas problematizadoras podem qualificar esta participação e contribuir para reflexões mais amplas.

Palavras-chave: Comportamento do Adolescente. Anticoncepção. Gravidez na Adolescência. Aborto Induzido.

INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada como a segunda etapa da vida do ser humano (idade entre 10 e 19 anos), enquanto a juventude corresponde ao período de 15 a 24 anos⁽¹⁾. O estabelecimento desta faixa etária é relevante para fins epidemiológicos e organizacionais dos serviços e assistência à saúde, porém, na realidade, a idade de entrada e saída desta fase é determinada de acordo com características individuais, sociais, culturais e econômicas.

A adolescência é um período de transição e de mudanças biopsicossociais que conduzem o indivíduo da infância para a fase adulta. É também um período em que se buscam novidades e a pessoa sente-se invulnerável e indestrutível⁽²⁾; e é a fase da vida em que ocorre a chegada da puberdade, tornando possível a reprodução.

A realidade social e econômica do universo em que o jovem está inserido, associada à descoberta da sexualidade neste mundo em que a

erotização é marca predominante e as informações quanto às questões sexuais fornecidas - quer pelas escolas quer pela família - são inexistentes, inexatas, duvidosas e pouco reflexivas⁽²⁾, “a cultura, em geral, reflete-se diretamente na efetivação da vida sexual do adolescente”^(3:494), conduzindo-o a alta vulnerabilidade a gestações e doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Por meio de dados disponibilizados⁽⁴⁾ percebe-se que, desde 1994, o número de nascidos vivos, filhos de mães brasileiras, de 10 a 14 anos, veio aumentando, tendo seu pico no ano de 2000 e posteriormente decrescendo até o ano de 2005. Já o número de nascidos vivos de mães com idade entre 15 e 19 anos teve aumento gradual do ano de 1994 até o ano de 1999 e decréscimo deste último ano até 2005. Não obstante, mesmo com a diminuição destes índices, a gravidez nesta fase da vida, desejada ou não, ainda é um fenômeno social, embora não mais de caráter de exceção, mesmo quando inesperada. Fatores como a dependência financeira e emocional dos pais, o não término

¹ Artigo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), apresentado no segundo semestre de 2007.

* Enfermeira da Clínica da Família Ilzo Motta de Mello. Ex-residente do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente. Email: maribi.v@uol.com.br

** Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem e Saúde Pública da UNIRIO. E-mail: adriemosp@yahoo.com.br

dos estudos, instabilidade profissional, os medos e incertezas, a falta de um companheiro fixo ou relacionamento conjugal deixam dúvidas quanto ao futuro destes jovens e de seus filhos.

Trazer à vida um novo ser requer decisão e planejamento, pois uma gravidez não planejada pode ocasionar efeitos drásticos na vida dos indivíduos, e um desses resultados são os altos índices de mortalidade materna associados à interrupção da gravidez indesejada. A criminalização do aborto induzido no Brasil faz com que esta prática, na maioria das vezes, seja realizada em locais inapropriados e por pessoas despreparadas, o que está altamente relacionado a complicações que ocasionam mutilações e até mesmo a morte da gestante⁽⁵⁾.

Provavelmente por fatores históricos e sociais, percebe-se que assuntos do campo da reprodução - neste caso, a contracepção e a gravidez não planejada - são assuntos predominantemente femininos, porém a responsabilidade de gerar um novo ser não deve ficar apenas a cargo da mãe, que durante a gestação irá garantir condições fisiológicas adequadas para a sobrevivência do seu filho. A gravidez é um fenômeno que envolve dois atores e ambos devem ser responsáveis pelo produto final, mas o que se observa é que as consequências do exercício da sexualidade nem sempre são atribuídas ao sexo masculino, embora a entrada deste no mundo adulto também seja determinada pelo início da sua vida sexual⁽⁶⁾. Assim, deveria caber ao jovem homem incluir-se e ser incluído neste processo, porém o que se percebe é que a própria sociedade não oferece ao adolescente uma estrutura que favoreça o exercício da paternidade⁽⁷⁾.

Embora para o homem a atividade sexual tenha todo um simbolismo que pode lhe garantir a aceitação no grupo, a formação de sua identidade e a autoafirmação da virilidade, as consequências desta prática realmente nem sempre lhe são atribuídas. Por outro lado, a paternidade inesperada pode mudar a trajetória de vida dos adolescentes, implicando, sobretudo, no seu processo de formação profissional.

A gravidez não prevista na adolescência é um fenômeno social que, para ser amenizado, necessita de mudanças nos modos de vida e nas relações entre os sujeitos sociais e deve envolver profissionais das mais diversas áreas do

conhecimento, por isso a evolução puberal, a gestação e a educação sexual devem ser assuntos debatidos pelos jovens. Esta discussão, que deve se dar no âmbito da família, da escola, dos serviços de saúde e do trabalho, não pode ser superficial, visando apenas à tomada de ações mecânicas que evitem a gravidez e ao bloqueio do ciclo de contágio das DST, pois isso violaria o direito de liberdade de escolha do momento de ter filhos. Ela deve ser conduzida por meio de diálogo aberto e informações verídicas, pautadas, sobretudo no direito sexual e reprodutivo destes jovens, em suas percepções, valores e capacidade de escolha, permitindo-lhes assim uma conduta reflexiva e autônoma.

Levando-se em consideração o exposto acima, a presente pesquisa tem como objeto de estudo a opinião e vivência de adolescentes do sexo masculino quanto à temática da contracepção, gravidez não planejada e aborto induzido. Discutir tais questões na perspectiva masculina se faz necessário em face da insuficiência dos estudos que os inserem nesta temática. Por isso, trazer para o debate sobre as questões da reprodução a presença do homem jovem, na perspectiva do reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos, é o que se espera com este trabalho.

Para o desenvolvimento deste estudo foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: Quais métodos contraceptivos os adolescentes do sexo masculino conhecem? Quais métodos contraceptivos utilizam para evitar uma gravidez indesejada? A quem os adolescentes do sexo masculino responsabilizam pela escolha do método contraceptivo e por uma gravidez não planejada? Qual a percepção deles acerca do aborto induzido? Assim, definimos como objetivo do estudo: identificar a opinião e vivência dos jovens de sexo masculino quanto à contracepção, à gravidez não planejada e ao aborto induzido.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado em uma escola pública de ensino médio localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Dele participaram 13 alunos do sexo masculino da faixa etária de 18 a 23 anos, tendo-se utilizado

como critério de inclusão o aluno já ter iniciado a vida sexual e ter interesse e desejo de participar.

A partir de uma breve exposição sobre a pesquisa em todas as salas de aula, os jovens de faixa etária preestabelecida se apresentaram voluntariamente para participar do estudo no local. As entrevistas eram marcadas e realizadas no próprio colégio em local reservado. Foi-lhes garantido o sigilo e anonimato, feitos esclarecimentos sobre os riscos e benefícios da pesquisa e exigida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O recorte etário dos participantes foi estabelecido para evitar a necessidade de autorização parental para dar sequência às entrevistas e por se julgar que jovens dessa faixa etária tenham maior maturidade e vivência para participar do estudo. Levou-se igualmente em conta a faixa etária de juventude estabelecida pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)⁽¹⁾, para a qual essa faixa corresponde ao período dos 15 aos 24 anos, devendo-se considerar também que a permanência nesta fase poderá variar de acordo com alguns fatores, como dependência financeira dos pais e não término dos estudos.

Os dados foram coletados durante o mês de agosto de 2007, por meio de entrevista semiestruturada contendo 23 perguntas abertas, a qual foi gravada em mídia digital e transcrita para posterior análise. Cumpre registrar que foram dados nomes fictícios aos sujeitos da pesquisa, com vista a impedir sua identificação e lhes garantir privacidade.

Os dados levantados nas entrevistas foram analisados a partir da proposta de análise de conteúdo⁽⁸⁾, que compreende três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. Após a realização e transcrição literal das entrevistas, realizaram-se leituras flutuantes e posteriormente aprofundadas, para absorção do conteúdo e identificação dos núcleos de sentido a partir da presença ou da frequência de temas ou palavras com significado para o objeto analítico visado. Finalmente esses núcleos de sentido foram interpretados e discutidos com base nas referências bibliográficas utilizadas para a pesquisa.

O presente estudo preservou os princípios de

beneficência e não maleficência, sendo submetido à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (Parecer N.º 96A/207), conforme exige a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde⁽⁹⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 13 estudantes de sexo masculino, todos brasileiros, moradores da Zona Norte da cidade e em geral nascidos no município do Rio de Janeiro. Seis entrevistados se autocalificaram como de cor parda e sete deles como católicos não praticantes. A renda familiar variou em torno 4,5 salários mínimos. Nenhum dos estudantes tinha filhos e oito deles não trabalhavam.

Pôde-se constatar que a média da idade da iniciação sexual foi de 15 anos, faixa etária similar à encontrada em estudos de outros autores⁽¹⁰⁻¹¹⁾. Apenas três dos entrevistados relataram que na ocasião do primeiro evento sexual estavam preparados emocionalmente para a iniciação sexual; cinco associaram esta vivência à vontade de experimentação, vinculando-a à curiosidade, à imaturidade e à inexperiência. Um dos entrevistados alegou ter procurado uma profissional do sexo e não ter gostado da experiência. Cumpre observar que esta procura por alguém sem vínculo afetivo pode sinalizar o intenso desejo de experimentar e provar algo inédito. Outra pesquisa⁽¹²⁾ já tinha comprovado que no momento da inserção sexual o jovem é movido pela curiosidade e busca de conhecimento. No presente estudo este achado é explícito nas seguintes falas:

Não foi normal porque foi a primeira vez [...] mas [...] não foi bom porque eu paguei (Beija-flor, 18 anos).

Foi diferente, a primeira vez é de sacanagem, não foi por amor, foi vontade de experimentar (Tigre, 19 anos).

Segundo as respostas obtidas, doze dos jovens utilizaram o condom masculino na primeira relação sexual, e apenas um jovem não utilizou nenhum método contraceptivo, o que torna o preservativo masculino o método majoritariamente utilizado na primeira relação

sexual por esta população. Esse dado concorda com o de outro estudo já realizado⁽¹¹⁾, porém este mesmo estudo também detectou que a maioria dos adolescentes sexualmente ativos não utilizava preservativo e que alguns dos que o utilizavam faziam-no de forma esporádica. Estes achados permitem inferir que em geral os jovens do sexo masculino não usam o condom em suas relações sexuais, o que pode estar associado a maior segurança e confiança na parceira.

Estudo anterior^(13:174) afirma que “os jovens têm um nível de informação significativa sobre as formas de contracepção mais conhecidas”; dado que foi comprovado nesta pesquisa, pois, unanimemente, todos os entrevistados demonstraram ter conhecimento sobre os métodos contraceptivos. Corroborando esta constatação, seis alunos descreveram os métodos contraceptivos como utilizados para evitar a gravidez e as DST. Este dado se justifica pela abordagem das ações educativas, que atualmente preconizam a dupla proteção.

A escola, a conversa familiar e os meios de comunicação são as formas mais citadas pelos entrevistados quando indagados sobre onde adquiriram informação quanto aos métodos contraceptivos; mas quando questionados sobre qual seria a melhor forma de transmitir informações aos jovens quanto aos referidos métodos, estes citaram, consideravelmente, as palestras nas escolas e os meios de comunicação, o que pode traduzir certa inibição destes para levar a temática ao seu convívio familiar, conforme afirmação anterior a esta pesquisa:

Os pais ainda não se sentem completamente à vontade para falar de sexualidade com os filhos. Muitos consideram estar estimulando o início da vida sexual desses jovens, mas transferem essa responsabilidade para a escola. No entanto, as escolas e professores também não foram preparados para esta função^(14:18).

Constata-se que, ao descreverem a escola como a principal fonte de informação, os professores são colocados como responsáveis pela educação sexual, sendo que no contexto deste estudo se pôde observar que há liberdade de expressão dos alunos e preocupação por parte de alguns profissionais em estabelecer esta relação de troca e sensibilização. Não obstante, estudo anterior⁽¹⁵⁾ relata uma realidade contrária, descrevendo que os professores brasileiros

possuem baixa qualificação e autonomia para abordar o tema e evitam este tipo de discussão em sala de aula, por o considerarem assunto polêmico.

Consideramos que com a polêmica podem vir a reflexão, a análise, acordos e quebra de tabus e preconceitos. Pela análise do contexto e dos fatos, a iniciativa da escola (cenário do estudo) de transmitir informação aos jovens e proporcionar-lhes liberdade de expressão pode ser vista como ponto positivo e de incentivo para outras instituições escolares assumirem postura similar, pois, além de todos os alunos entrevistados possuírem conhecimento quanto aos métodos utilizados para a prevenção de gestações não planejadas e de DST, eles, pelo que demonstram os dados, aprovaram a orientação proveniente da escola, tanto que a citam como o melhor meio de transmitir informação aos jovens.

De fato, assuntos como os de natureza sexual, que envolvem conseqüentemente as relações de gênero, podem ser debatidos na escola, com enfoque no exercício de uma sexualidade segura, pautada nos direitos sexuais e reprodutivos, favorecendo, além de sensibilização e responsabilização dos adolescentes, o exercício da cidadania e formação de seres com pensamento crítico e capacidade de escolha.

Já a alta representatividade atribuída pelos jovens aos meios de comunicação pode estar relacionada à disponibilidade e ao fácil acesso à mídia. De fato, os meios de comunicação levam o tema “sexo” à sociedade⁽¹⁵⁾, porém o exibem sem pudores, desvinculando-o de afetos, o que contribui para a independência sexual dos jovens⁽⁵⁾. No que tange à prevenção de gravidez e DSTs, a temática é abordada de forma superficial e não reflexiva. Se a mídia se articulasse aos setores de educação e saúde, com informações mais concretas e ações permanentes, traria maior clareza para os jovens com relação ao assunto e ampliaria o espaço para discussões acerca de seus direitos e deveres. Desta forma, uma melhor utilização dos veículos midiáticos para este público pode contribuir criticamente na constituição desse sujeito adolescente⁽¹⁶⁾.

Quanto aos métodos conhecidos pelos jovens, a camisinha masculina foi o contraceptivo mais citado, seguido da pílula anticoncepcional, pílula

do dia seguinte, camisinha feminina e tabelinha; mas eles relataram ter utilizado apenas os três primeiros, sendo o preservativo masculino o mais utilizado durante a vida, e na atualidade, a grande maioria afirmou fazer uso da camisinha como método contraceptivo.

Onze dos treze alunos descreveram a conversa entre o casal como a melhor maneira de escolher o método anticoncepcional. Um estudo⁽¹⁷⁾ aponta a importância do diálogo entre os parceiros sobre o uso do preservativo para contracepção/proteção de DSTs/AIDS, pela dupla proteção e sua interferência positiva em seu uso.

Vale ressaltar que alguns citaram que o preservativo é fundamental nesta escolha. Alguns entrevistados falaram ainda se sua preocupação com a parceira, como se pode observar nas seguintes falas:

Discussão entre o casal [...] acho que o método mais eficiente mesmo seria a camisinha, mesmo porque não prejudica nem a um nem a outro, previne legal mesmo (Gato, 22 anos).

Tem que conversar. No caso, eu não sabia que este anticoncepcional causava algumas alterações, eu desconhecia, não sabia [...] Aí conversando com ela que fui saber, aí estamos usando a camisinha... (Beija-flor, 18 anos).

Discutida democraticamente, eu acho também que a camisinha é indispensável, porque é o método mais seguro, impede de pegar doença (Leão, 18 anos).

Estes achados concordam com os de estudo anterior⁽¹³⁾, primeiramente pelo fato de em ambos os jovens se referirem à camisinha como o método mais aplicado, e depois por constatarem que há interesse em que o homem participe desta escolha, o que indica interesse dos jovens em cuidar do seu corpo e tomar decisões anteriormente vistas como do universo feminino. Neste grupo estudado a relação entre os gêneros parece ser um pouco mais igualitária.

O alto número dos jovens que utilizaram o preservativo na primeira relação sexual e dos que continuavam usando pode ser justificado, provavelmente, pela abrangência das atividades educativas nesta escola em especial. Muitos relataram ter adquirido informação por meio dela, o que pode estar apontando para uma nova postura da escola com relação ao tema da sexualidade e para uma tentativa de sensibilização da população, em tempos de

epidemia do HIV⁽¹³⁾, o que pode estar colaborando para esta associação de “dupla proteção”.

O aborto induzido é reprovado por todos os jovens, assim como em se verificou em estudo com universitários de um curso de enfermagem, os quais inclusive consideraram a mulher que pratica esse ato uma pecadora e criminosa⁽¹⁸⁾. Por outro lado, nos achados de outra pesquisa⁽¹⁹⁾, a maioria dos entrevistados o descreveu como um direito da mulher, porém na perspectiva do que permite a lei. Este dado pode ser justificado pela diferença entre os níveis de escolaridade e os estados civis dos informantes, pois enquanto neste estudo os participantes estavam cursando o ensino médio e eram solteiros, no último estudo citado a maioria dos sujeitos cursava ou já havido cursado o nível superior e todos eles viviam em união legal ou consensual, fatos estes que podem ter contribuído para este “pensamento mais aberto e postura mais liberal” perante assuntos tão polêmicos. Ademais, por terem uma vida afetiva e sexual estável, lhes é possibilitada uma maior aproximação da parceira, a qual favorece sentimentos como a afetividade, o companheirismo e a empatia. A insatisfação perante a situação de aborto induzido fica clara nas seguintes frases:

Acho errado porque ela está matando uma vida (Leão, 18 anos) (grifo dos autores).

Acho que é totalmente errado. Depois que fez tem que assumir o compromisso, é uma vida que não teria que tirar não, tem que assumir as consequências (Gaivota, 19 anos).

Sou contra o aborto, porque se ela não quisesse engravidar, ela se prevenia antes das relações, vai fazer relações sem camisinha e depois quer abortar? Ela tem que ter mais compromisso com aquela vida (Sabiá, 18 anos) (grifo dos autores).

Quando questionados sobre como viam as pessoas que abortavam, alguns entrevistados, implicitamente, reportaram-se à mulher, e em nenhum momento referiam-se ao homem, também contribuinte para o processo da concepção. Através destes depoimentos foi perceptível a grande contrariedade e a culpa imputada às mulheres, mas o fato é que estas não são as únicas e exclusivas responsáveis pela gravidez ou interrupção desta, pois o parceiro interfere de alguma forma, seja apoiando, seja exigindo, seja mesmo abstendo-se de influir na

questão, já que assuntos referentes à reprodução são vistos como do mundo feminino, embora possam ter grande representatividade na vida masculina.

O homem talvez não tenha a percepção de que está inserido tanto quanto a mulher nas questões relativas ao processo de concepção, contracepção e aborto, ou seja, no planejamento reprodutivo. Por fatores históricos e culturais, o homem era e continua sendo desvinculado deste, pois, há ainda uma naturalização da maternidade⁽¹⁹⁾, realidade que está explícita nas entrevistas supracitadas.

Oito dos entrevistados alegaram conhecer alguém que já tenha praticado um ato abortivo, porém foi perceptível que alguns destes tentaram desvincular-se do fato, o que é visto em respostas monossílabas e não verbais (como o nervosismo) em depoimentos como:

Eu não lembro diretamente, mas eu já vi a irmã de uma colega minha, vi não [...] Ela falou para mim (Beija-flor, 18 anos).

Esta fala demonstra que a realidade está bem próxima do universo masculino. Todos os entrevistados relataram que não permitiriam que sua parceira, caso engravidasse, provocasse um aborto, e neste momento ficaram claras em suas falas expressões de negação e do poder que julgam ter sobre a decisão feminina:

Seria contra, até porque em termos eu tenho uma vida estabilizada, eu acho que no momento eu tenho condições de criar uma criança, e sei que meus pais iriam me apoiar (Avestruz, 23 anos).

Não deixaria, porque eu não aceito e eu iria cumprir meu papel de homem, ia assumir minha responsabilidade, porque ela não iria fazer o filho sozinha (Golfinho, 18 anos).

Com base nos dados expostos pode-se afirmar que, embora tentem não se associar ao assunto aborto, os jovens reconhecem que têm participação neste processo e que o peso de suas opiniões e atitudes influencia na decisão da mulher. A contrariedade absoluta com relação ao aborto pode ser associada a fatores como a legislação brasileira, a cultura e o forte apelo religioso e moral que envolvem a temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é uma fase da vida com

intensas mudanças e adaptações, de passagem do indivíduo para a vida adulta. É nesse momento que o adolescente lida com a sexualidade de forma mais intensa, o que o insere em um grupo mais vulnerável a gestações não planejadas e a DSTs.

O exercício da sexualidade é de suma importância para o adolescente do sexo masculino, por ser uma ocasião em que ele desvenda suas curiosidades e experimentações e em que mais se insere no processo de contracepção. Embora a sociedade, de uma forma geral, vincule a mulher a assuntos referentes à vida reprodutiva, é perceptível que o sexo masculino vem se envolvendo neste processo.

A informação auxilia na exploração e entendimento desta temática, que envolve tanto homens quanto mulheres, por isso se faz importante investir na interdisciplinaridade e na intersetorialidade. Assim, pais, professores e profissionais de saúde devem atuar conjuntamente nas estratégias educativas para possibilitar a sensibilização e reflexão destes jovens quanto aos seus direitos, às relações sociais e à participação no processo de reprodução, e ajudá-los a se verem como sujeitos responsáveis pelo exercício da sexualidade com autonomia reprodutiva, livre de preconceitos e domínio entre os sexos.

É imprescindível expor as limitações do estudo para que os resultados sejam bem interpretados, até mesmo pela possibilidade de aguçar a curiosidade que possa originar outras pesquisas, pois esta se restringiu a um grupo pequeno, com vivências similares, estudantes de uma mesma escola, como já citado. O fato de só haver pesquisadoras de sexo feminino envolvidas no estudo pode ter causado restrições, por isso é considerado importante haver pesquisadores do mesmo sexo dos informantes, para facilitar a comunicação e diminuir possíveis constrangimentos e inibições. Outra observação interessante é que, quando foi perguntado aos jovens o que achavam do aborto, eles não foram questionados sobre os casos previstos em lei, o que pode ser sugerido como proposta para estudos posteriores referentes à temática. Pois um questionamento mais profundo quanto à condição de ser contrário ao aborto poderá demonstrar de forma mais clara se

a reprovação está vinculada à criminalização ou a outros fatores, como a cultura e a religião, pois, mesmo com a alta prevalência de católicos não praticantes, a teoria religiosa acaba acarretando certa mobilização social na formação de um “senso comum”. Esses aspectos

são relevantes, pois, como se sabe, estudos que envolvem o homem no debate sobre questões sexuais, principalmente as relacionadas ao aborto, são recentes e, provavelmente, em quantidade insuficiente para permitir conclusões precisas.

OPINION OF MALE ADOLESCENTS ON CONTRACEPTION, UNPLANNED PREGNANCY AND INDUCED ABORTION

ABSTRACT

Adolescence and youth are phases of intense changes where the experiments and innovations are significant factors. In this world of discovery and adaptations, the adolescents feel their libido increasing and the emergence of their sexuality. As a result pregnancies and infection by sexually transmitted diseases (STD) can occur. Although sexual activity is striking for both genres, its consequences, particularly pregnancy, has its greatest impact on the female individuals. The purpose of this research was to identify and understand the views and experiences of the young men on contraception, unplanned pregnancy and induced abortion. This is a qualitative descriptive study, carried out in a public high school located in the northern of the city of Rio de Janeiro through semi-structured interviews with 13 young individuals between 18 and 23 years of age. The interviews were analyzed using the content analysis technique. The methods most frequently mentioned were the male condom and pill. The one used more often was the condom. Discussion between couples is said to be the best way to choose the method, and induced abortion is disapproved by all interviewed. Nowadays young people are more included in the process of contraception than in the past; however problematic educational strategies can qualify this participation and contribute to a broader discussion.

Key words: Adolescent Behavior. Contraception. Teenage Pregnancy. Induced Abortion.

OPINIÓN DE JÓVENES DEL SEXO MASCULINO ACERCA DE CONTRACEPCIÓN, EMBARAZO NO DESEADO Y ABORTO INDUCIDO

RESUMEN

La adolescencia y juventud son fases de cambios intensos, donde las experimentaciones y novedades son factores destacables. En este mundo de descubiertas, adaptaciones, el adolescente siente su libido aumentar y su sexualidad aflorar y como resultado pueden surgir gestaciones indeseable y contagio por Enfermedades Sexualmente Transmisibles (EST's). Aunque el ejercicio de la sexualidad sea sobresaliente para ambos los sexos, sus consecuencias, principalmente el embarazo, causan mayor impacto en el universo femenino. El objetivo de este estudio fue identificar y comprender la opinión y vivencia de jóvenes del sexo masculino en cuanto a la contracepción, embarazo no deseado y aborto inducido. Estudio descriptivo, cualitativo, realizado en una escuela pública de Enseñanza Secundaria localizada en la Zona Norte de Rio de Janeiro. Fueron realizadas entrevistas semiestructuradas con 13 jóvenes de edades comprendidas entre 18 y 23 años, que fueron analizados por la técnica del análisis de contenido. Los métodos contraceptivos más citados fueron el condón masculino y la píldora, siendo el más utilizado el condón. La conversación entre la pareja es dicha como la mejor forma de elegir el método contraceptivo y el aborto inducido es reprobado por todos los entrevistados. Los jóvenes actualmente están más insertados en el proceso de contracepción, sin embargo estrategias educativas problematizadoras pueden calificar esta participación y contribuir para reflexiones más amplias.

Palabras clave: Comportamiento del Adolescente. Anticoncepción. Embarazo en la Adolescencia. Aborto Inducido.

REFERÊNCIAS

1. Sant'Anna MJC, Carvalho KAM, Passarelli MLB, Coates V. Comportamento sexual entre jovens universitários. *Adolescência & Saúde*. 2008;5(2):52-6.
2. Mazzini MLH, Alves ZMMB, Silva MRS, Sagim MB. Mães adolescentes: a construção de sua identidade materna. *Cienc Cuid Saude*. 2008 out-dez;7(4):493-502
3. Brasil. Ministério da Saúde. Indicadores de morbidade e fatores de risco. Proporção de nascidos vivos por idade materna. [citado 2007 maio 25]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2005/d15.def>.
4. Pantojal FC, Bucher JSNF, Queiroz CH. Adolescentes grávidas: vivências de uma nova realidade. *Psicol Ciênc Prof*. 2007; 27(3):510-21.
5. Azevedo GL, Pereira AL. Sexualidade, contracepção e paternidade: o que pensam os adolescentes do sexo masculino estudantes do município do Rio de Janeiro. *Rev Pesqui Cuid Fundam*. 2006; 10(2):77-83.
6. Corrêa ACP, Ferriani MGC. Paternidade do adolescente: um desafio a ser enfrentado pelos serviços de saúde. *Cienc Cuid Saúde*. 2007 abr-jun; 6(2):157-63.
7. Gomes R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R, editores. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes; 2003. p. 67-80.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde

(CNS). Resolução nº. 196. Brasília, DF; 2000.

9. Berquó E, coordenador. Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2000.

10. Neto ACB, Araújo EC. Características dos adolescentes do sexo masculino assistidos no programa saúde do adolescente de Olinda. *Enfermagem Atual*. 2006; 6(34):27-31.

11. Leal AF, Knauth DR. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cad Saúde Pública*. 2006; 22(7):1375-84.

12. Castro MG, Abramovay M, Silva LB. Juventudes e sexualidade. Brasília,DF: Unesco; 2004.

13. Oliveira J, Mourão F. Aborto na adolescência. *Jornal da Estácio*. 2007 ago; p. 16-9.

14. Arilha M, Calazan G. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília, DF: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento; 1998.

15. Miguel Rde BP, Toneli MJF. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura Nacional e internacional. *Psicologia em Estudo*. 2007 maio-ago; 12(2):285-93.

16. Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual *Cad Saúde Pública*. 2006 jul; 22(7):1385-96.

17. Góes FG, Lemos A. O que pensa e o que diz o acadêmico de enfermagem sobre o aborto provocado. *Rev Pesq. cuidado é fundamental Online*. 2010 abr-jun; 2(2):913-21.

18. Duarte GA, Alvarenga AT, Osis MJMD, Faúndes A, Hardy E. Perspectiva masculina acerca do aborto provocado. *Rev Saúde Pública*. 2002; 36(3):271-7.

19. Dias AB, Aquino EML. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2006; 22(7):1447-57.

Endereço para correspondência: Adriana Lemos. Rua Bento Lisboa, 165, apto 802, Catete, CEP: 22221-010, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Data de recebimento: 10/12/2009

Data de aprovação: 06/12/2010